

EMANUELE ALINE LÖWE BÖNMANN

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

IJUÍ, JANEIRO, 2014

UNIÚÍ - UNIVERSIDADE REGIONAL DO ESTADO DO ESTADO DO  
RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO  
CURSO PSICOLOGIA

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

EMANUELE ALINE LÖWE BONMANN

ORIENTADORA: FLÁVIA FLACH

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
conclusão do curso de formação de  
Psicólogo

IJUÍ, JANEIRO, 2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, Ser supremo do Universo, meu Mestre, que sempre iluminou meus passos e me fez entender o verdadeiro sentido da vida. Que, em momentos difíceis, me deu sustentação e falava ao meu coração: “Filha não te preocupes, Eu jamais te deixarei, apenas confie”. Eu te amo Senhor!

Aos meus pais, Célio e Marlene, que, muitas vezes, abriram mão de seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu. Amo vocês!

À minha orientadora Flávia Flach, pela paciência e pelo incentivo. Quero expressar o reconhecimento e admiração que tenho pela sua competência profissional e pela forma humana que conduziu minha orientação. Meu muito obrigado de coração.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica. Em especial, a professora e banca examinadora, Sonia Fengler, pela sensibilidade que a diferencia como docente e pela presença marcante em minha vida acadêmica. Meu agradecimento por tanto amor, pelo convívio e pela amizade.

TÍTULO: VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER  
ACADÊMICA: EMANUELE ALINE LÖWE BÖNMMANN  
ORIENTADORA: FLÁVIA FLACH

RESUMO:

O presente trabalho tem o propósito de discutir sobre a dinâmica psíquica feminina e sua relação com a violência conjugal. Para isso, com base em pesquisa bibliográfica, partimos do pressuposto de que a menina necessita enfrentar um duplo entrave para aceder à posição feminina: ela precisa abdicar de uma zona genital erógena primária, que é o clitóris, e passar para a excitabilidade vaginal, que se apresenta como contingente do pênis, e, posteriormente, o desejo de possuir um pênis é trocado pela vontade de ter um filho. Além disso, é demandado à menina que abandone a mãe como objeto amado e comece a desejar o pai. Como a mãe é objeto de desejo do pai, ela passa a ser o seu referencial identificatório. Contudo, a menina acaba deslocando o desejo que sentia pelo pai para outros homens na vida adulta. Assim, a escolha do objeto de amor, posteriormente na puberdade, está relacionada com a história do sujeito, alicerçada nas identificações do complexo edípico que permite a sua resolução. Outro aspecto a ser discutido, para dar conta do objetivo da pesquisa, é a respeito da diferença de gênero, que tem início no meio familiar, em consequência das atitudes dos pais durante a criação dos filhos, assim sendo, é no cotidiano que a criança começa a internalizar o homem e a mulher do futuro. Entretanto, os atributos e os papéis de gênero valorizam o homem em detrimento da mulher, legitimando a dominação deste sobre esta. A carga cultural desempenhada pela criação, vinculada ao modelo familiar, tem grande influência na questão da violência contra a mulher. O que foi aprendido no meio familiar encontra um novo cenário para se manifestar, no momento que se constitui uma relação amorosa, por meio da compulsão à repetição. Portanto, é possível que a mulher mantenha um relacionamento tumultuado, sofrendo violência, pelos mais diversos motivos, que podem ser de ordem subjetiva, emocional, familiar.

Palavras-chave: Subjetividade. Gênero. Violência. Mulher.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
1 A CONSTITUIÇÃO DA FEMINILIDADE .....	7
2 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER .....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	27

## INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a temática da violência contra mulher, utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica. A realização deste trabalho e a escolha desse tema vieram em função das experiências de estágio, durante o curso de psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ.

O estudo acerca deste tema, indubitavelmente, é de grande importância visto que a problemática da violência contra mulher é considerada, atualmente, uma questão de saúde pública, tendo em vista que afeta não somente a vítima, mas também a sociedade, além de ser uma violação aos direitos humanos. Desse modo, a violência é um problema que pode destruir a vida coletiva, pessoal e familiar.

No campo da psicologia, esse assunto deve ser compreendido tanto nos seus aspectos sociais quanto clínicos, a fim de que a mulher consiga reposicionar sua própria história. Logo, a psicologia não pode se eximir de procurar entender essa problemática.

Segundo a Secretária de Políticas para Mulheres, até o primeiro semestre de 2012, foram feitos 47.555 registros de atendimento na Central de Atendimento à Mulher (IBGE, s.d.). O tipo de registro que aparece em maior número é o relato de violência física contra a mulher, com 26.939 registros até julho de 2012, o que pode variar de lesão corporal leve, grave ou gravíssima, à tentativa de homicídio ou homicídio consumado. Casos de violência sexual, tais como estupro, exploração sexual e assédio no trabalho, aparecem em 5º lugar, com 915 registros.

Esses dados estatísticos se mostram bastante expressivos, apontando a necessidade premente de se refletir sobre o assunto, cada vez mais.

Para dar conta dessa temática, este trabalho de pesquisa será desenvolvido em dois capítulos. O primeiro é dedicado ao estudo da constituição da feminilidade e da subjetividade, tendo como referência a teoria psicanalítica. Já o segundo capítulo abordará a problemática da violência contra a mulher a partir do conceito gênero, entendendo-o como uma construção cultural e coletiva de atributos referentes à masculinidade e à feminilidade. No decorrer desse capítulo, também será abordada a constituição da feminilidade e as escolhas conjugais, a partir do conceito de repetição, desenvolvido pela psicanálise.

## 1 A CONSTITUIÇÃO DA FEMINILIDADE

*“Não se nasce mulher: torna-se”.*  
(Simone de Beauvoir)

Este capítulo discorre a respeito da constituição psíquica do sujeito, passando pelos momentos essenciais à sua subjetivação, uma vez que permitirá compreender como esses processos influenciarão na construção da subjetividade, bem como da feminilidade, cuja discussão se dará no decorrer deste trabalho.

Antes mesmo do nascimento o sujeito<sup>1</sup> já existe em uma rede de significantes<sup>2</sup> que estão presentes no discurso e no desejo<sup>3</sup> dos pais. No entanto, o bebê não nasce estruturado subjetivamente, o mesmo precisará de um Outro<sup>4</sup> que lhe forneça elementos necessários para sua constituição e desenvolvimento. Ao nascer, o bebê é indefeso e muito frágil, está na condição psíquica de *infans* (aquele que ainda não fala). Dessa maneira, encontra-se numa posição objetal, que precisa de investimentos para tornar-se um sujeito desejante.

A criança, quando nasce, está numa situação de total dependência do outro. Por isso, precisa que alguma pessoa exerça para ela a função materna, provendo os cuidados básicos que irão permitir ao bebê sobreviver. É esta figura (a materna) que vai inserir a criança no campo da linguagem e que vai lhe oferecer os primeiros estímulos eróticos, como por exemplo, o seio. Nesse primeiro tempo, o pequeno não

---

<sup>1</sup> SUJEITO: “Ser humano, submetido às leis da linguagem que o constituem, e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente” (CHEMAMA, 1995, p. 208).

<sup>2</sup> SIGNIFICANTE: “Elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito” (CHEMAMA, 1995, p. 197).

<sup>3</sup> DESEJO: “Falta inscrita na palavra e efeito da marca significante sobre o ser falante” (CHEMAMA, 1995, p. 42).

<sup>4</sup> OUTRO: “Lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina” (CHEMAMA, 1995, p. 156).



reconhece a mãe como uma pessoa, mas sim como sua singular fonte de obter prazer.

Em “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905, p. 172) afirma que:

[...] a primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com este prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálico do leite sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento.

A mãe satisfaz a criança, primeiro, com a amamentação e, igualmente, pelos seus afetos, desejos e sintomas, que se ampliam ao filho para serem simbolizados. A mãe passa a lhe proporcionar um olhar, palavras, toques carinhosos que são formas de estímulo e isso vai fundando o psiquismo do bebê. É a partir dessa relação que as marcas simbólicas<sup>5</sup> vão se inscrevendo na subjetividade.

Durante a subjetivação da criança também ocorre um processo, nomeado por Jacques Lacan de “estágio do espelho”, que tem início por volta dos seis meses de idade e vai aproximadamente até os dois anos. Segundo Lacan (apud LAPLANCHE, 1998, p. 176),

[...] a fase da constituição do ser humano que se situa entre os seis e os dezoito meses; a criança, ainda num estado de impotência e de incoordenação motora, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio da sua unidade corporal. Esta unificação imaginária opera-se por identificação com a imagem do semelhante como forma total; ilustra-se e atualiza-se pela experiência concreta em que a criança percebe a sua própria imagem no espelho. A fase do espelho constituiria a matriz e o esboço do que será o ego.

---

<sup>5</sup> MARCAS SIMBÓLICAS: “Funções complexas e latentes que envolvem toda atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente ligada à função da linguagem e, mais especificamente, à do significante” (CHEMAMA, 1995, p. 95).

Em um primeiro momento, a criança não teria a experiência do seu corpo como sendo um todo integrado. Ela tem a sensação de um corpo despedaçado, ou seja, intui seu corpo como sendo uma dispersão de partes separadas. Primeiramente, o bebê começa a adquirir a totalidade de seu corpo por intermédio do “espelho”, que produz uma metáfora do vínculo entre a mãe e filho, do olhar da mãe e do bebê. Tal metáfora tem uma dimensão imaginária que possibilitará uma ilusão de completude ao bebê. É através do “espelho” que a criança irá antecipar a totalidade de seu corpo, por meio de sua imagem no espelho.

Para Lacan (1949, p. 100), “o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação”. Isso explica o momento seguinte do estágio, no qual a criança vê a imagem e a reconhece como sendo de outro semelhante, outra criança. Posteriormente, ela intui que esse outro é ela própria. A mãe seria o espelho da criança e é ela que contribuirá para produzir a visão desse outro, por meio de um processo de antecipação ao lhe dizer sujeito: “é o nenê!”, antes mesmo de uma maturação neurológica.

Segundo Chemama (1995, p. 58), “para que a criança possa se apropriar dessa imagem, para que possa interiorizá-la, necessita que tenha um lugar no grande Outro (no caso encarnado pela mãe)”. A imagem do sujeito no espelho lhe dá a ilusão de completude e lhe fascina. Dessa forma, quando a criança percebe que esse outro é ela mesma, reagirá com júbilo perante essa imago, ou seja, o ego ideal<sup>6</sup>, pois é na imagem do Outro que a criança se alienará. É esse Outro que vai assumir o lugar da criança, esse é o campo do Imaginário, o campo narcisista.

---

<sup>6</sup> EGO IDEAL: “Formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, definem como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil” (LAPLANCHE, 1998, p. 139).

Chemama (1995, p. 139) define o narcisismo como sendo “o amor que o sujeito atribui a um objeto muito particular: a si mesmo”. Ele coincide com o primeiro tempo do Complexo de Édipo. Neste, a relação mãe-criança é caracterizada por uma “fusão” na qual o filho é identificado ao falo<sup>7</sup> materno (exclusivo objeto que pode satisfazer a mãe). A criança seria um objeto que deveria completá-la. Nesse período, a mãe dedica grande atenção à criança e se configura como “mãe fálica”, estando sempre presente para atender às necessidades de seu filho. Para a criança, a mãe é absoluta e onipotente.

Para Lacan (1949, p. 79), essa completude ilusória constitui o narcisismo primário.

Neste momento do Édipo, a figura paterna fica de fora do circuito da relação mãe-filho. O pai aparece de forma velada, o mesmo circula como significante no discurso materno, porém sua presença como um terceiro na relação, de quem faz o corte na relação mãe-criança ainda não está colocada.

Em um segundo momento do Espelho, o pequeno, alienado à imagem do Outro, imagem dela mesma e do corpo e do olhar de sua mãe, ela irá se identificar com essa imagem e se identificará com o desejo desse Outro, que é a mãe, ele irá desejar o desejo da mãe, em outras palavras, vai desejar ser o desejo da mãe. A criança pensa que o desejo da mãe é ter o falo, logo, a criança vai querer ser o falo da mãe.

Lacan (1958, p. 673) afirma que “é na relação primordial com a mãe que a criança tem como experiência o que falta a ela, ou seja: o falo”.

---

<sup>7</sup> FALO: “Em psicanálise, o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo ‘pênis’ sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica” (LAPLANCHE, 1998, p. 166-167).

É no terceiro momento do estádio do espelho que o pai entra em cena, com a castração, como portador da Lei, aquele que vem interditar e normatizar os limites da relação dual mãe e filho. Tudo o que vem a afastar a criança da mãe, configurar-se-ia como pai (Nome-do-pai<sup>8</sup>), já que este não é necessariamente uma pessoa. Esse momento é muito importante, pois permitirá que a criança se depare com a falta (que é constituinte no sujeito).

Contudo, o significante Nome-do-Pai não é meramente o “não te deitarás com tua mãe”, apontada à criança, mas um “não reintegrarás o teu produto”, que é destinado à mãe. Essa “mensagem” introduzirá a Lei na relação mãe e filho, de tal modo que o Nome-do-Pai ficará inscrito no inconsciente da criança e intervirá no Complexo de Édipo<sup>9</sup>, colocando, portanto, uma norma fálica para a criança e organizando a relação mítica e edipiana da família.

Tanto o Complexo de Édipo como o de Castração exercem um papel central na teoria psicanalítica, porque é a partir desse que se constituem as estruturas do sujeito. Além disso, é com a passagem por esses momentos que se formam o narcisismo, o supereu e o ideal do eu. Explicaremos o que ocorre em tais períodos, articulando os dois complexos ao longo do texto, mantendo o foco na menina, para que se possa alcançar a constituição da feminilidade e, assim, posteriormente trabalhar a questão da violência contra a mulher no próximo capítulo.

Por ser um atributo que instaura a diferença entre meninos e meninas e ser um instrumento de prazer, o pênis acaba se configurando como falo, um objeto mítico, desejado por todos. A dinâmica do complexo de castração dependerá

---

<sup>8</sup> NOME-DO-PAI: “Produto da metáfora paterna que, designando primeiramente o que a religião nos ensinou a evocar, atribui a função paterna ao efeito simbólico de um puro significante e que, em um segundo momento, designa aquilo que rege toda a dinâmica subjetiva, ao inscrever o desejo no registro da dívida simbólica” (CHEMAMA, 1995, p. 148).

<sup>9</sup> COMPLEXO DE ÉDIPO: “O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano” (LAPLANCHE, 1998, p. 77).

fundamentalmente dessa descoberta e seu desenrolar será fundamental para proporcionar saídas para o Complexo de Édipo. A forma como esses dois complexos se articulam difere no menino e na menina. O complexo de Édipo no menino encontra uma saída a partir da castração, enquanto o da menina apenas se inicia com este.

A característica principal dessa “organização genital infantil”, é sua diferença da organização final do adulto. Ela consiste no fato de que para ambos os sexos, só um órgão masculino é levado em consideração. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas a primazia do falo (FREUD, 1923, p.158).

Inicialmente a menina deseja a mãe, nesse período predomina o apego a esta como objeto.

De fato, a menina tem, assim como o menino, a mãe como primeiro objeto de amor, e, para poder orientar seu desejo para o pai, é preciso primeiro que ela se desapegue desta. O processo que leva ao Complexo de Édipo é, portanto, necessariamente mais longo e complicado na menina. (CHEMAMA, 1995, p. 56).

Entretanto, a menina passa por um momento que a deixa ressentida com a mãe: quando percebe que é castrada, que não possui pênis e, pior ainda, que sua mãe também não o possui.

Segundo Freud (1932, p. 122), no texto sobre a “Feminilidade”:

O afastamento da mãe, na menina é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente: geralmente, uma parte dela é superada, ao passo que a parte restante persiste.

É com a descoberta da castração que se inicia o complexo de Édipo na menina, pois é quando a mesma abandona a mãe como objeto amado e começa a

desejar o pai, visto que este detém o falo e poderá satisfazê-la. As meninas, então, desejam ganhar um bebê do pai e, como não conseguem, se desiludem. Como a mãe é o objeto de desejo do pai, ela se torna referencial identificatório para a menina, ajudando na constituição de seu Ideal do Eu.

Conforme Poli (2007, p. 35):

é por frustração que ela será levada a abandonar a mãe e com ela as pulsões ativas. A passividade será transferida à relação com o pai. Mais uma vez, frustrada, por dele não receber o dom almejado, recalca o Édipo para não perder o amor dos pais.

Como a menina não possui angústia de castração, uma vez que acredita que esta já aconteceu, a angústia de castração aparece sob forma de angústia de perda de amor e é em nome desse amor que ela desloca seu desejo do pai para outros homens.

Ainda segundo Poli (2007, p. 35), “a feminilidade surge, então, quando a menina reporta o pedido que faz ao pai a um outro homem, de quem espera receber o pênis-bebê. Isto é, quando ela retorna, de forma ativa, à posição passiva que a levou ao pai”.

O Complexo de Édipo continuará ao longo de toda a vida da mulher. No decorrer dos anos que se estendem da infância à adolescência, o investimento do clitóris irá passar progressivamente para a vagina. A inveja do pênis constitui em gozar com o pênis no coito, e a vagina ganha, então, valor como continente do pênis. Desse modo, o deslocamento dos investimentos erógenos do clitóris para a vagina se traduz pela passagem da vontade de colher no corpo o órgão peniano para o desejo de ser mãe. Eis o que, para Freud, seria uma saída normal para a menina.

Reconhecer a castração é situar-se em relação à própria ordem simbólica, da qual o falo é essencial. Segundo a psicanálise, para que se possa desejar é necessário que haja falta. O desejo implica uma falta, é o que faz com que se busquem novas possibilidades de encontrar o objeto perdido. Pode-se assegurar que só há desejo se houver castração.

Quando a criança se depara com uma “saída” (apesar, de que, o sujeito passa a vida toda lidando com o Édipo) para o Complexo de Édipo, a mesma começa a ingressar num período de latência, no qual os impulsos eróticos da fase fálica são recalcados, bem como o Complexo de Édipo. Os impulsos sexuais são canalizados para atividades não sexuais.

Com a chegada da puberdade, os impulsos sexuais retornam a ganhar atenção. De acordo com a psicanálise, a evolução psicosexual acontece por meio de uma sequência de fases até chegar à sexualidade adulta. Dentre estas, está a puberdade. Esse momento é de suma importância para a menina, pois, com a chegada da menstruação, significa que esta já adquiriu maturidade biológica e está capacitada fisicamente para o amor e para a maternidade.

As jovens aguardam ansiosamente pelo início desse fenômeno, que as introduz na sexualidade genital feminina, quase adulta. Poder ter filhos agora é uma realidade que se apresenta como algo novo e desejado [...] As moças que tiveram uma infância cuja feminilidade tenha sido desenvolvida sem grandes problemas aceitarão a menstruação e a sua condição de mulher de forma tranquila e desejável (LEVISKY, 2005, p. 96).

A puberdade é um momento no qual o sujeito é convocado a realizar um imenso trabalho psíquico. Assim sendo, existe uma desestruturação, mas, ao mesmo tempo, uma reorganização estrutural em direção a uma personalidade adulta.

O sujeito, durante sua vida, procura e precisa criar laços. Vivemos a construir vínculos. Muitas vezes questionamos, por que escolhemos determinado alguém? Segundo Nasio (1999, p. 80), “um sujeito se identifica com alguém ou alguma coisa quando ele se confunde com esse alguém ou essa coisa [...]”. Várias pessoas que passam por nós ao longo de nossas vidas, se assemelham as que foram ou ainda são importantes para nós.

Cada sujeito, na sua singularidade, vai dar um destino para aquilo que lhe foi transmitido durante a infância. Mas, muitas vezes, é difícil escapar de algo que não foi representado nas gerações anteriores. O que não pôde ser revelado vai aparecer de alguma forma, ainda que disfarçado.

As relações amorosas estão ligadas essencialmente a aspectos infantis na escolha objetal, tais como a relação mãe/bebê e a dissolução do complexo de Édipo. Tendemos a escolher alguém que se assemelhe aos nossos pais ou cuidadores. Além disso, as experiências infantis de cuidados e amor repassados pelos pais ficam marcadas no psiquismo do sujeito.

Conclui-se que há uma relação entre a infância e as escolhas amorosas da vida adulta. Isso acontece porque cada sujeito se constitui mediante as representações que foram significativas na sua infância e é a partir dessas representações que se sucederá a busca pela satisfação na vida amorosa adulta. Ou seja, o laço amoroso entre casais está pautado nas primeiras marcas de satisfação deixadas pelos vínculos amorosos constituídos durante a infância. Está escolha ocorre de maneira inconsciente.

Segundo Nasio (1999, p. 83),

[...] a identificação é o movimento ativo e inconsciente de um sujeito, isto é, o desejo inconsciente de um sujeito apropriar-se dos sentimentos e fantasias inconscientes do outro. Essa



definição, traduz bem, as turbulências e os movimentos muito vivos das forças íntimas que circulam entre dois seres e os aproximam sem que eles saibam.

A relação de pai e filha é sempre intensa, principalmente nos anos em que inicia, como já foi citado anteriormente, o complexo de Édipo, mas o amor que é desejado pela menina não poderá ser realizado com esse homem, deixando-a com raiva, ou seja, ódio desse indivíduo que foi seu objeto de amor, fantasiado até o momento. Com essa revolta e hostilidade, torna a “matar” internamente aquele a quem ela tanto amou, possibilitando se tornar uma mulher e ser livre internamente para encontrar um amor que seja verdadeiro e não apenas uma fantasia.

Para fechar este capítulo, é necessário frisar que a maneira como a menina passa pelo Édipo, bem como pela infância (enquanto momento inicial da vida), influenciarão sua vida adulta, ou seja, a questão da feminilidade, de identificações, de escolhas amorosas, pois ninguém escolhe um amor por acaso e não mantém determina postura por manter.

## 2 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*“[...] nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade” (FREUD).*

Este capítulo aborda questões teóricas sobre a violência contra a mulher, para tanto é necessário, em primeiro lugar, trabalharmos com o conceito de gênero, para posteriormente abordarmos sobre as questões psíquicas que movem a mulher em suas escolhas amorosas, bem como a permanência desta junto com seus companheiros agressores.

Desde a infância, convivemos com estereótipos que dizem o que é ser homem e o que é ser mulher, elementos esses que são transmitidos pelos pais e pela cultura dentro de um contexto de tempo e de espaço. Ideias sobre o comportamento de meninos e meninas estão presentes no senso comum e, logo, nos são “naturais”. Tais estereótipos operam como símbolos sociais capazes de sustentar normas e padrões de comportamento, no caso da temática das relações de gênero.

A distinção de gênero relativa ao masculino e ao feminino, começa a se manifestar no meio familiar, em decorrência das atitudes dos pais durante o processo de criação dos filhos. Assim, a criança vai construindo a sua identidade e os papéis de gênero a partir das relações que estabelece com os adultos mais próximos. Essas relações influenciam na elaboração que a criança faz sobre si, sobre os outros e sobre a cultura e contribuem para compor sua identidade de gênero.

Dessa maneira, o que leva uma criança a dizer que é menino ou menina é a consolidação de uma crença que tem início após o nascimento. Hoje ainda mais cedo, com a ultrassonografia, a partir da designação e/ou diferenciação sexual do recém-nascido e, em seguida, a criança começará a ser tratada de acordo com os atributos do sexo/gênero que lhe foi designado.

Segundo Kehl (2008, p. 27):

a primeira definição de uma criança dada mesmo antes que o feto complete sua evolução, graças aos métodos atuais de investigação ultra-sonografia, é que seja 'menino' ou 'menina'. Significantes que indicam não apenas uma diferença anatômica, mas a pertinência a um de dois grupos identitários carregados de significações imaginárias.

Desse modo, desde bebês, garotos e garotas são criados de modo desigual, espera-se e permite-se deles coisas distintas, separando, assim, o que compõe o mundo dos meninos e o das meninas. Os meninos são identificados pela cor azul, espera-se deles que não chorem e sejam bagunceiros. Quando um menino começa a chorar, os adultos têm a postura de dizer: “pare de chorar! Se comporte como um homenzinho!” ou “parece uma menininha chorando”. Muitas vezes, os meninos são estimulados para as brincadeiras de aventura, as que desafiam os limites físicos e até mesmo emocionais. Com relação às meninas, há a cobrança de que sejam caprichosas e delicadas, de que se preocupem com a aparência e com as tarefas de mãe e dona de casa. Muitas vezes, os pais atribuem características aos recém-nascidos que variam conforme o sexo.

Para Granato (2003, s.p.),

[...] meninas recém-nascidas costumam ser definidas pelos pais no diminutivo. Elas são 'fofinhas', 'pequeninas', 'delicadinhas'. Já os meninos muitas vezes são descritos no aumentativo – 'lindão', 'fofão'. Conforme as crianças crescem, diz o estudo, os pais – especialmente o pai – as estimulam a brincar com brinquedos específicos para cada sexo. O mesmo

estudo descobriu que os pais passam mais tempo conversando com as filhas do que com os filhos, mas dão a elas menos autonomia do que a eles. Já em relação aos meninos, os pais reforçam o extravasamento de emoções, desde que não daquelas que possam ser tomadas como indicação de fraqueza.

Como podemos observar na matéria, os meninos ganham maior autonomia e podem extravasar suas emoções. Supõe-se, então, que as meninas sejam mais reprimidas.

É fundamentalmente por interferência dos pais que a criança vai adquirir os elementos de informação sobre o sistema simbólico relativo à sociedade na qual ela está inserida, bem como a transmissão de hábitos, padrões de comportamento, valores morais e condutas que são específicas dos meninos e das meninas. Isso porquê “a criança absorve e integra para si todos os valores morais que vão nortear sua interpretação do mundo e o modo de se relacionar com o outro, para o resto de suas vidas” (PFEIFFER, 2008, p. 87).

Enquanto os meninos são incentivados a valorizar a sua agressividade, a força física, a ação, a dominação e a satisfação de seus desejos, até mesmo os sexuais, as meninas são valorizadas pela beleza, delicadeza, sedução, submissão, dependência, sentimentalismo, entre diversos atributos. Freud (1932, p. 118) em “feminilidade” faz uma descrição sobre a menina:

A diferença na estrutura genital acompanha-se de outras diferenças corporais [...] Uma menina é, em geral, menos agressiva, desafiadora e auto suficiente; ela parece ter mais necessidade de obter carinho e, por esse motivo, de ser mais dependente e dócil.

Sintetizando, há uma educação muito diferenciada para homens e mulheres, com vantagens e privilégios para homens, em detrimento das mulheres. É passada também, a ideia de que a mulher é mais passiva e o homem mais ativo. Esses fatos, somados às diferenças e desentendimentos numa relação, poderão dar origem à

violência, pois “esses traços identificatórios fixam-se de acordo com termos complementares: atividade/passividade, dar/receber, penetrar/ser penetrado, etc.” (JULIEN, 2000, p. 71).

Essa questão sobre uma “distinção” (que não é psicológica) entre masculino e feminino, isto é, “masculino” significa “ativo” e “feminino” é “passivo”, gera muita confusão. Para esclarecer isso, nós nos remeteremos ao texto de Freud (1932, p. 115) sobre a “Feminilidade”: “Ora, é verdade que existe uma relação desse tipo. A célula masculina é ativamente móvel e sai em busca da célula feminina, e esta, o óvulo, é imóvel e espera passivamente. Ainda, de acordo com Freud (1932, p. 116):

Até na esfera da vida sexual humana, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. Uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este. Quanto mais se afastarem da estreita esfera sexual, mais óbvio se lhes tornará o ‘erro de superposição’. As mulheres podem demonstrar grande atividade em diversos sentidos. Os homens não conseguem viver em companhia de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva.

Contudo, existem lugares sociais que historicamente foram sendo atribuídos a homens e a mulheres. Desse modo, a violência contra a mulher se estabelece devido às relações de disparidades entre homens e mulheres, sendo naturalizada no processo de socialização dos sujeitos e reportada de geração a geração. Assim, muitas vezes, o homem acredita ocupar um lugar de poder frente a mulher e acaba por querer controlar a vida da mesma, das mais diversas formas. Entretanto, para que o homem exerça domínio sobre a mulher, é necessário que esta acredite e legitime a situação de desigualdade. Para isso, precisa internalizar a dominação masculina como algo natural e não conseguir romper com o cenário de violência e opressão em que vive.

No caso da violência contra a mulher, pode-se dizer que, apesar da dominação masculina ser uma vantagem que a sociedade dispõe aos homens, nem todos se utilizam dela do mesmo modo, como nem todas as mulheres se submetem igualmente a essa dominação. Conseqüentemente, a violência contra a mulher tem aspectos semelhantes, mas ao mesmo tempo diferentes em função da singularidade dos sujeitos envolvidos.

Embora haja a presença regular da desigualdade de poder nas relações de gênero, cada situação tem uma dinâmica particular, associada aos contextos específicos e às histórias de vida de seus protagonistas. Portanto, para haver a compreensão da violência contra a mulher é essencial levar em conta esses aspectos comuns e particulares que constituem a diversidade do fenômeno.

Um dos aspectos a serem levados em conta consiste na dinâmica familiar. A família compreende um lugar constitutivo da afetividade e tem função de proteção e de segurança para o sujeito. Ainda que consideremos a família como primeiro espaço na construção da afetividade, é nela que encontramos, ao mesmo tempo, o berço da dialética do amor e do ódio nas relações entre os sujeitos.

Em alguns grupos familiares, o sentido de proteção e de aconchego se perde e as condições fundamentais de segurança se transformam em situações de risco. A violência tem lugar reservado no cotidiano e, infelizmente, até mesmo nos relacionamentos amorosos. É espantoso que as relações construídas para serem de afeto e amor se transformem em relações violentas. Somando-se a carga cultural e de gênero exercida pela criação, o modelo familiar tem uma grande importância nessa conjuntura.

A primeira experiência é a do amor, cuja relação com o outro deve ser assim definida: *velebonum alicui*, querer-lhe bem. Definição antiga, mas sempre presente, já que o amor, para o (a) amado (a), é o próprio efeito do que se recebeu dos pais (JULIEN, 2000, p. 33).

A família, portanto, constitui uma referência identitária e um lugar para o desenvolvimento das relações de compromisso e de negociação. A estruturação do psiquismo humano implica um longo processo de constituição em que o sujeito lança mão de modelos, não havendo nessa escolha um juízo de valor. Tal fato acontece pelo processo de identificação, no qual o sujeito pode reproduzir até mesmo a violência. A identificação é o laço afetivo que une o sujeito aos seus pares, promove a cultura, faz sobreviver a instituição familiar e, ao longo da história, é transmitida de geração em geração.

É na relação com os pais ou com quem exerce essas funções que esses modelos se instituem e são repetidos. Desse modo, muitas mulheres atualizam, por meio dos seus relacionamentos amorosos, a angústia, a dor e o sofrimento que vivenciaram na infância e, ao mesmo tempo, repetem a matriz das escolhas amorosas realizadas por suas mães, ou seja, o que foi aprendido no meio familiar encontra um novo cenário para se manifestar no momento que se constitui uma relação amorosa. Tudo isso acontece de forma inconsciente, sem que haja consciência da origem dessas situações.

Muitas pessoas nos passam a impressão de estarem sendo, por assim dizer, perseguidas por um destino maligno [...]. Desde início a psicanálise considerou que esse destino fatal era quase que inteiramente preparado por elas mesmas e determinado por influências infantis precoces (FREUD, 1920, p. 147).

A psicanálise chama isso de repetição e pode acompanhar o sujeito ao longo das gerações. Sendo assim, é preciso pensar em saídas para a interrupção da violência no contexto familiar, para que tais mulheres consigam modificar as suas atitudes, de modo que seus filhos não levem adiante esse ciclo que parece tão difícil de interromper.

O sujeito não tem o poder de decisão que imagina, a respeito do seu comportamento, pois é influenciado por fatores internos que escapam do alcance da consciência. Entretanto, não pode se eximir de responsabilidade perante os acontecimentos que envolvem suas escolhas e procedem delas.

Essas repetições acontecem porque não há uma elaboração do sintoma.

Nas representações do sujeito, em seu discurso, em suas condutas, em seus atos ou nas situações que ele vive, faz com que algo volte continuamente, na maior parte das vezes sem que ele saiba e, em todo caso, sem que haja, de parte dele, um projeto deliberado. Esse retorno do mesmo e essa insistência logo assumem um aspecto compulsivo, em geral surgindo sob forma de um automatismo; aliás, e pelos termos “compulsão à repetição” ou “ automatismo de repetição”, que habitualmente se traduz a formulação freudiana original *wiederholungszwang*, obrigação de repetição. (CHEMAMA, 1995, p.190).

Finalizando, perante as circunstâncias da violência, surgem os seguintes questionamentos: Por que a mulher mantém-se em um relacionamento tumultuado? Por que simplesmente não sai da relação violenta assim que se inicia?

Diante disso, é fundamental salientar que as escolhas de cada sujeito não dependem somente de sua consciência e desejo individual, isoladamente, mas da cultura, da situação social, do acesso a serviços de proteção, da opinião da sociedade, de amigos e de familiares.

A mulher pode manter um relacionamento tumultuado, embora sofra violência, por vários motivos que podem ser de ordem subjetiva, emocional, familiar..

Uma das repostas para a mulher não se separar de alguém que lhe cause dor, pode ser a dependência emocional e econômica, a valorização da família e idealização do amor e do casamento, a preocupação com os filhos, o medo da perda e do desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha, principalmente quando a mulher não conta com nenhum apoio social e familiar.



Em relação à dependência emocional, a mulher sente-se incompleta sem o parceiro, demonstrando expressiva fragilidade. Pode permanecer ao lado do agressor porque necessita de amor e de afeição. Assim, a mulher se torna suscetível à ideia de que, caso acabe o relacionamento, não conseguirá outra pessoa com quem possa se relacionar, tendo medo de ficar só. Por isso, ela se submete até mesmo a aceitar os desmandos, a dominação e, à vezes, a hostilidade do companheiro. A dependência emocional é como um vício: apesar de saber o prejuízo que causa o sujeito não consegue abandoná-lo.

Em alguns casos, a mulher continua num relacionamento abusivo porque receia que o agressor se torne mais violento se ela o deixar, assim como ele pode tê-la ameaçado. Portanto, teme pela própria vida e pela de seus filhos.

Outro aspecto considerável é o medo de não conseguir, sozinha, sustentar-se a si e aos filhos. Do mesmo modo, a mulher pode se sentir sozinha, sem apoio e envergonhada.

Além disso, há as que não desejam a separação e perdoam seus parceiros. Elas querem apenas mudar sua vida com o marido, querem que as agressões parem. Assim, buscam acreditar que nada se repetirá e que, em nome dos momentos felizes, darão uma nova chance ao relacionamento. Contudo, vale a pena repensar as relações familiares, já que é no lar que temos nossas principais bases para a vida, visto que os pais têm a função de servir de espelho para os filhos. Preparar a criança, o adolescente para uma relação de amor adulta é imprescindível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a constituição da feminilidade acontece sucessivamente e não se acaba no complexo de Édipo. A forma como a criança lida com essa fase edípica é transportada para seus futuros relacionamentos amorosos. Desse modo, as escolhas amorosas não se constituem por mero acaso, ou seja, escolhemos inconscientemente alguém que tenha alguma semelhança com nossos pais ou com quem exerceu essa função.

Diante disso, muitas mulheres, por meio dos seus relacionamentos amorosos, repetem inconscientemente o sofrimento e a violência que vivenciaram na infância. Nesse sentido, somente a partir da transferência em um tratamento psicológico que a mulher irá conseguir atribuir um sentido ao seu sintoma, permitindo, portanto, se relacionar de uma forma que não lhe cause sofrimento.

É perceptível que existe uma distinção de gênero entre homens e mulheres, que foi construída socialmente, de modo mais específico no ambiente familiar, na forma como os pais educam a criança. Assim, a discriminação de gênero coloca a mulher numa condição de desvantagem e até inferioridade em comparação com o homem, o qual acredita ter poder sobre a mulher e acaba por querer controlá-la, bem como violentá-la.

Percebemos que vários são os motivos que podem fazer a “mulher vítima de violência doméstica” a permanecer no relacionamento, pois estão em jogo não somente as causas singulares, mas também as sociais.

Desse modo, ela pode continuar na relação, pois depende emocionalmente do agressor. Pode ficar com ele, porque o ama e quer manter a família. Também, existe o medo de que o companheiro se torne mais violento, mate-a, ou faça alguma

coisa com os filhos, caso decida se separar. Além do mais, ela pode depender financeiramente dele. Além disso, referente aos aspectos sociais, eles podem ser determinantes, se a mulher não contar com nenhum apoio social e/ou familiar. Além de que, ela terá que enfrentar o julgamento e a opinião da sociedade.

Esta pesquisa, permitiu pensar sobre os aspectos que dizem respeito sobre a dinâmica psíquica feminina em sua relação com a violência conjugal. Contudo, durante sua construção, criaram-se novos questionamentos. O que possibilita, dar continuidade a esta temática em futuros trabalhos no campo da psicologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise Larousse**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CLÍNICA Psicanalítica de Crianças e Adolescentes. Desenvolvimento, psicopatologia e tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro, Revinter, 2005.

FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII. (Obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_ (1920). Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. II

\_\_\_\_\_ (1923). **A organização genital infantil**: uma interpretação na teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX. 1987.

\_\_\_\_\_ (1932). **Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXII.

GRANATO, Alice. Garoto, deixa a boneca. Filha, futebol não!. In: **Revista Veja**, mai. 2003. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/especiais/crianca/p\\_056.html](http://veja.abril.com.br/especiais/crianca/p_056.html)>. Acesso em: 10 dez. 2013.

IBGE. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/es/noticias-teen/2822-violencia-contra-mulher>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

JULIEN, Philippe. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LACAN, Jacques (1949). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1958). **A significação do falo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEVISKY, David L. Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: OUTEIRAL, José (Org.) **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes**: desenvolvimento, psicopatologia e tratamento. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PFEIFFER, Luci. Desvinculação pais e filhos e maus-tratos. In: GEDEIEL, José Antônio et al (Orgs.). **Violência, paixão e discursos**: o avesso dos silêncios. Tradução de Germaine Mandel. Porto Alegre: CMC, 2008. p. 65-90.

POLI, Maria Cristina. **Feminino/masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. v. 76.